

AS INUNDAÇÕES DE 1967 NA GRANDE LISBOA (PORTUGAL): SAÚDE PÚBLICA E AÇÃO VOLUNTÁRIA ESTUDANTIL

FRANCISCO DA SILVA COSTA¹ 

MIGUEL CARDINA² 

ANTÓNIO VIEIRA³ 

GISELE CRISTINA MANFRINI⁴ 

RESUMO – Este artigo tem como objetivo evidenciar os impactos que as inundações de novembro de 1967, na região da Grande Lisboa, provocaram na saúde pública e a análise do papel desempenhado pela ação auto-organizada dos estudantes da área da saúde, particularmente de medicina. O método baseou-se na revisão sistemática da literatura realizada em arquivos públicos e privados e nas bases *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science* e *Disasters*. Foram analisados vários documentos vídeo e áudio com entrevistas que relataram as intervenções dos estudantes em saúde após as inundações de 1967 em Lisboa. Como resultado, evidencia-se que o voluntariado estudantil se organizou por forma a responder aos impactos das inundações entre os quais os da área da saúde pública, destacando-se neste campo os estudantes envolvidos nas campanhas de vacinação e na monitorização sanitária de urgência das populações atingidas. Assim, as ações dos estudantes no auxílio às vítimas das inundações de 1967 proporcionaram o conhecimento dos problemas ambientais de saúde pública e deficiências da assistência sanitária de grande parte da população portuguesa na época.

Palavras-chave: Inundações de 1967; catástrofe; saúde pública; estudantes de medicina.

ABSTRACT – THE 1967 FLOODS IN GREAT LISBON (PORTUGAL): PUBLIC HEALTH AND STUDENT VOLUNTARY ACTION. This article aims to highlight the impacts that the floods of November 1967, in the Lisbon region, had on public health and

Recebido: 12/10/2020. Aceite: 30/12/2020. Publicado: 01/08/2021.

¹ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, R. da Universidade, 4710-057, Braga, Portugal. E-mail: costafs@geografia.uminho.pt

² Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: miguelcardina@ces.uc.pt

³ Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: vieira@geografia.uminho.pt

⁴ Laboratório de Pesquisas em Enfermagem e Promoção da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis, Brasil. E-mail: gisele.manfrini@ufsc.br

the analysis of the role played by the self-organized action of health students, particularly medicine. The method was based on a systematic review of the literature carried out in public and private archives and in the *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science* and *Disasters* databases. Several video and audio documents were analysed with interviews that reported the health students' interventions after the 1967 floods in Lisbon. As a result, it is evident that the student volunteering was organized in order to respond to the impacts of floods, with special emphasis on public health, highlighting in this field the students involved in the vaccination campaigns and urgent health monitoring of the affected populations. Hence, the students' actions in helping the victims of the 1967 floods provided knowledge of the environmental problems of public health and deficiencies in health care for a large part of the Portuguese population at that time.

Keywords: Floods of 1967; catastrophe; public health; medical students.

RÉSUMÉ – INONDATIONS DE 1967 DANS LA GRANDE LISBONNE (PORTUGAL): SANTÉ PUBLIQUE ET ACTION VOLONTAIRE DES ÉTUDIANTS. Cette article met en évidence les impacts que les inondations de novembre de 1967, dans la région de Lisbonne, ont eu sur la santé publique, ainsi que l'analyse du rôle joué par l'action autoorganisée des étudiants en santé, en particulier de médecine. La méthode a été basée sur une revue systématique de la littérature réalisée dans les archives publiques et privées et dans les bases de données *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science* et *Disasters*. Plusieurs documents vidéo et audio ont été analysés avec des entretiens relatant les interventions des étudiants en santé après les inondations de 1967 à Lisbonne. En conséquence, il est évident que le volontariat étudiant a été organisé afin de répondre aux impacts des inondations, avec un accent particulier sur la santé publique, et notamment sur les étudiants impliqués dans les campagnes de vaccination et le suivi sanitaire urgent des populations affectées. Ainsi, les actions des étudiants dans l'aide aux victimes des inondations de 1967 ont permis de connaître les problèmes environnementaux de santé publique et les carences en soins de santé pour une grande partie de la population portugaise à l'époque.

Mot clés: Inondations de 1967; catastrophe; santé publique; étudiants en médecine.

RESUMEN – LAS INUNDACIONES DE 1967 EN GRAN LISBOA (PORTUGAL): SALUD PÚBLICA Y ACCIÓN VOLUNTARIA ESTUDIANTIL. Este artículo tiene como objetivo destacar los impactos que las inundaciones de noviembre de 1967, en la región de la gran Lisboa, tuvieron sobre la salud pública y el análisis del papel desempeñado por la acción autoorganizada de los estudiantes de salud, particularmente de medicina. El método se basó en la revisión sistemática de la literatura realizada en archivos públicos y privados y en bases de datos *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science* and *Disasters*. Se analizaron varios documentos de video y audio con entrevistas que relataron las intervenciones de los estudiantes en salud después de las inundaciones de 1967 en Lisboa. Como resultado, es evidente que el voluntariado estudiantil se organizó para responder a los impactos de las inundaciones, con especial énfasis en la salud pública, destacando en este caso los estudiantes involucrados en campañas de vacunación y monitoreo urgente de la salud de las poblaciones afectadas. Así, las acciones de los estudiantes para ayudar a las víctimas de las inundaciones de 1967 proporcionaron conocimiento de los problemas ambientales de la salud pública y las deficiencias en la atención médica para una gran parte de la población portuguesa en ese momento.

Palabras clave: Inundaciones de 1967; catástrofe; salud pública; estudiantes de medicina.

I. INTRODUÇÃO

Na noite de 25 para 26 de novembro de 1967, chuvas intensas abateram-se sobre a área da Grande Lisboa, com as inundações a causarem um elevado número de mortos, milhares de desalojados e inúmeras habitações destruídas. Trata-se do caso mais dramático deste tipo de inundações conhecido em Portugal. Fernando Rebelo define-a como uma das três grandes catástrofes verificadas em Portugal nos últimos séculos, juntamente com o terremoto de 1755 em Lisboa e da aluvião de 1803 no Funchal (Rebelo, 2010).

A forma como o fenómeno foi tratado à época reflete as condições políticas de ditadura em que o país se encontrava. Apesar da participação ativa dos estudantes da área da saúde nos trabalhos para desenterrar cadáveres de pessoas e animais, fazer limpezas, distribuir bens e, a partir de certa altura, colaborar nas campanhas de vacinação, estas iniciativas foram pouco divulgadas e publicitadas. Com este trabalho procuramos analisar os impactos socioambientais das inundações e contextualizar o papel dos estudantes, em particular os da área da saúde, no quadro do voluntariado e das ações de auxílio prestadas para a redução dos riscos nos dias que se seguiram às inundações.

II. MATERIAIS E MÉTODOS

Para este trabalho recorremos a um conjunto diversificado e numeroso de fontes documentais, quer primárias, quer secundárias. A investigação baseou-se sobretudo na consulta e análise de jornais nacionais e internacionais a partir de arquivos físicos e virtuais, artigos científicos nas bases *PubMed*, *Scopus*, *Web of Science* e *Disasters* e partindo de palavras-chave predefinidas, revistas, relatórios e correspondência, bem como fotografias, vídeos da época e reportagens televisivas. As fontes históricas nacionais e internacionais, em diferentes formatos, permitiram a visualização de registos fotográficos, áudio e vídeo, facilitando a análise de entrevistas e testemunhos. Para esta tarefa foram fundamentais os trabalhos e reportagens emitidos pelos 50 anos sobre as inundações de 1967. A consulta baseou-se nas seguintes fontes principais: a) arquivos: RTP (*online*) e do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra (consulta presencial), arquivo Casa Comum da Fundação Mário Soares (*online*), com consulta de centenas de jornais e fotografias; b) televisões: programas emitidos nos canais generalistas RTP1 e SIC, reportagens da Expresso TV e SIC Notícias; c) imprensa escrita: jornal Diário de Notícias e revista Sábado; d) áudio: Rádio Renascença. Realçamos também o Projeto “DISASTER – GIS database on hydro-geomorphological disasters in Portugal: a tool for environmental management and emergency planning” com uma vasta bibliografia que inclui o tema das inundações de 1967. As restantes fontes estão mencionadas ao longo do artigo.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do ponto de vista meteorológico, as inundações de Lisboa estão associadas às elevadas quedas pluviométricas que se fizeram sentir na noite do 25 de novembro de 1967: 1/5

do total anual, sendo que foram registados valores de 88,6mm na estação de Lisboa/ Geofísico e 112,5mm na estação de Lisboa/Tapada (Amaral, 1968; Oliveira & Ramos, 2002; Rebelo, 2008).

A precipitação intensa levou a uma rápida subida nas linhas de água, afetando bairros e barracas das áreas periféricas de Lisboa e vale do Tejo, onde viviam populações mais vulneráveis.

Apesar de se terem verificado várias ocorrências de inundações e alagamentos (Costa *et al.*, 2016) em quase toda a Península de Lisboa, foi nas pequenas bacias em torno da capital que se observaram a maior perda de vidas e prejuízos materiais, refletindo a maior suscetibilidade das condições socioambientais das populações afetadas. A falta de um Serviço Nacional de Proteção Civil e, portanto, de capacidade de resposta na emergência e socorro por parte das autoridades públicas foi um fator importante para a mobilização dos estudantes.

1. Impactes ambientais e saúde pública

Como consequência da intensidade das chuvas e dos vários desmoronamentos ocorridos, formaram-se enxurradas que provocaram danos significativos no sistema abastecedor das áreas mais afetadas. Várias condutas foram destruídas, interrompendo o fornecimento de água em várias localidades. No Diário de Lisboa de 25 de novembro de 1968, um ano após a catástrofe, é feito um balanço que aponta quatrocentos quilómetros de estrada afetadas e mais mil casas destruídas e outras tantas danificadas (Diário de Lisboa, 1968). A 26 de novembro, a Companhia das Águas de Lisboa informa, em comunicado, que “o Aqueduto das Águas Livres foi invadido por considerável quantidade de água que não houve possibilidade de evitar que chegasse ao depósito de Campo de Ourique” e por este motivo a turbidez da água aumentou (Diário de Lisboa, 1967b). Dada a impossibilidade de dar uma resposta urgente para o respetivo tratamento, foi confirmada a possibilidade de contaminação dos depósitos e outras fontes abastecedoras de água. Como consequência da rotura de esgotos, surgem as primeiras notícias da probabilidade de ocorrência de epidemia associada à ingestão de micróbios da febre tifoide e paratifoide (Diário de Lisboa, 1967b).

Neste contexto, os serviços municipalizados de água e saneamento foram forçados a recorrer ao corte geral do abastecimento, por razões sanitárias (Diário de Lisboa, 1967a). Como o sistema abastecedor seriamente danificado, a falta de água nos primeiros dias após a catástrofe foi sentida de forma intensa, levando a vários avisos para a sua utilização de forma racional (Diário de Lisboa, 1967f). As atividades económicas foram também fortemente condicionadas na sua produção (Diário de Lisboa, 1967b).

Com o ciclo urbano da água profundamente alterado nas áreas afetadas, a resposta das autoridades foi lenta e desorganizada. A população viu-se forçada a abastecer-se em fontes e bicas (Diário de Lisboa, 1967b). Coube aos bombeiros e forças armadas colaborar com os seus autotanques no abastecimento de água à população (Diário de Lisboa, 1967a).

Devido às falhas do sistema de água, a Direção Geral de Saúde (DGS) aconselhou algumas medidas preventivas, divulgando instruções para a utilização da água para consumo e fins alimentares (Diário de Lisboa, 1967b; Torres, 2018; USAID, 1967). A companhia das águas lançou novo comunicado onde informou que os primeiros resultados das análises “não acusam a existência de inquinação na água distribuída (...)” e efetuou a lavagem de alguns reservatórios, numa operação que fez reduzir a turvação da água distribuída. Perante este quadro, a DGS continuou a divulgar recomendações para o uso doméstico da água (Diário de Lisboa, 1967c, 1967e), que eram refletidas em avisos emitidos pelas Câmaras Municipais da Grande Lisboa (Diário de Lisboa, 1967f). Esta situação levou a uma grande procura de água engarrafada provocando, em alguns locais, a sua falta (Diário de Lisboa, 1967c).

Outros impactes ambientais foram sentidos após as inundações:

- a deposição de toneladas de lama nas vias de comunicação e habitações (Diário da Manhã, 1967a);
- o mau funcionamento dos esgotos (Diário de Lisboa, 1967c);
- as cabeças de gado em decomposição espalharam-se pelos campos (Diário de Lisboa, 1967b);
- as dificuldades na recolha dos resíduos sólidos, com lixo a acumular-se nas ruas (Diário da Manhã, 1967);
- os problemas de assoreamento prejudicando o escoamento das águas (Diário de Lisboa, 1967a).

Verificou-se ainda uma tomada de consciência do número crescente de mortos: mais de 200 vítimas na primeira edição do Diário de Lisboa (1967a) a 26 de novembro e 427 a 29 de novembro (Diário de Lisboa, 1967d). Os números oficiais fariam de 462 vítimas mortais (Costa *et al.*, 2014); Rebelo (2008) refere um número superior a 500; Ramos e Reis (2001) apontam para 700 vítimas mortais, Oliveira (2019) para mais de 700. Após esta perceção, as autoridades tomaram medidas de urgência sanitária, com o enterro de pessoas e animais, a maior parte das vezes sem as formalidades habituais (Torres, 2018). A DGS avisou as populações do distrito de Lisboa para realizar a remoção de carcaças de animais mortos e enterros longe dos cursos de água, poços ou fontes e com recurso à cal ou uso de petróleo, para evitar a propagação de doenças contagiosas (Diário de Lisboa, 1967b, 1967c). No caso dos animais mortos, pensou-se na possibilidade de serem levados para Santarém, para serem transformados em adubo, mas tal não chegou a acontecer por não haver condições naquela cidade para o fazer (Torres, 2018).

Do ponto de vista da saúde pública, destaca-se o aparecimento da *leptospirosis*, entre alguns focos infecciosos. A leptospirose é uma doença zoonótica causada pelo patógeno bacteriano *Leptospira interrogans* e é transmitida diretamente pelo contato da urina de animais com a pele dos seres humanos (Few *et al.*, 2004; Zavitsanou & Babatsikou, 2008) ou indiretamente transmitida pela água e solo contaminados (Bharti *et al.*, 2003; Ingraham & Ingraham, 1995; Koutis, 2007).

As doenças transmitidas especialmente por roedores também podem aumentar durante fortes chuvas e inundações, devido a padrões alterados de contato. A leptospi-

rose, uma doença associada a inundações, foi uma grande preocupação em algumas partes da Europa. As inundações podem causar perturbações nos sistemas de abastecimento de água e saneamento básico e assim contribuir para o aumento da exposição a agentes biológicos e químicos (French & Holt, 1989). As epidemias de leptospirose causadas pelo contato mais frequente com água contaminada aquando de inundações, foram descritas em vários locais (de Ville de Goyet, 1979). Vários relatos de casos destacaram o potencial vínculo entre inundações e leptospirose (Few *et al.*, 2004; Githeko & Woodward, 2003).

Alguns destes surtos de enfermidades foram notificados após desastres naturais (Seaman *et al.*, 1989) associados a catástrofes climáticas (Baranton & Postic, 2006), como as inundações de 1967 em Lisboa (Ahern *et al.*, 2005; Beinin, 1985; de Ville de Goyet, 1979; Few *et al.*, 2004; Githeko & Woodward, 2003; Seaman *et al.*, 1989; Goeijenbier *et al.*, 2012; Kovats *et al.*, 2000; Manning, 1976).

Segundo Simões *et al.* (1969), no passado não foram relatados casos de leptospirose em fenómenos meteorológicos semelhantes aos que ocorreram em Lisboa e isso pode ser devido à menor densidade demográfica da população nas áreas atingidas (Few *et al.*, 2004). Em anteriores inundações não foram detetados casos de tal enfermidade e até mesmo quando se indicou que as águas da inundação estavam muito contaminadas, não se registaram outros casos de enfermidades hídricas (Seaman *et al.*, 1989).

Ainda que não seja assinalado o número de infetados (Seaman *et al.*, 1989), foram estimados 32 casos com a suposição de que apenas um terço dos casos foi relatado. Oito pacientes (todos homens com idades entre 14 e 59 anos), que sofriam da doença de Weil, foram admitidos no hospital entre 17 e 26 dias após as inundações de Lisboa (Few *et al.*, 2004; Simões *et al.*, 1969). Os resultados clínicos e bioquímicos foram apresentados em grande detalhe e mostram o quadro típico da doença de Weil: os pacientes estavam profundamente icterizados e apresentaram leve proteinúria e alterações do sedimento urinário; três apresentaram insuficiência renal. No seu estudo, Simões *et al.* (1969) não relataram qualquer óbito.

Além dos casos registados de leptospirose, foram identificados outros possíveis focos de infeção (Diário de Lisboa, 1967b). Algumas localidades foram avisadas do perigo de uma epidemia de tifo. Em Algés e Carnaxide, a população foi avisada para que procurasse um posto de vacinação contra aquela doença (Diário de Lisboa, 1967e). O Jornal “Solidariedade Estudantil” divulgou o relato do Presidente da Junta de Freguesia da Castanheira, em que afirmou que “Além da febre tifoide, deve [haver] muitos casos de pneumonia aí pela rua” (Solidariedade Estudantil, 1967).

A DGS assumiu o papel principal na prestação das diferentes formas de assistência, de cuidados médicos e na adoção das medidas preventivas (Diário da Manhã, 1967; USAID, 1967). Uma vasta campanha de vacinação contra a febre tifoide foi realizada junto das populações, especialmente dirigida para as pessoas que trabalharam na desobstrução e recuperação dos locais mais atingidos. Foram os casos da vacinação dos 700 operários da Fábrica da Abelheira (Diário de Lisboa, 1967d) e da população de Alenquer, acompanhada pelo ministro das Corporações (Diário de Lisboa, 1967e).

Dada a extensão desta operação e da necessidade de neutralização do perigo de focos infecciosos capazes de alastrar, a Cruz Vermelha Portuguesa assumiu um papel importante na mobilização de voluntários com formação nas áreas sanitárias (USAID, 1967). O papel dos estudantes de medicina foi fundamental, nomeadamente na “intensa campanha de vacinação” contra a febre tifoide (Raposo *et al.*, 2017, Diário de Lisboa, 1967d). A DGS, em colaboração com outras instituições de assistência médica e social, continuou a exercer ativa vigilância sanitária junto das populações e a prestar-lhes assistência médico-sanitária, especialmente no campo profilático. As vacinações antitíficas prosseguiram em postos de brigadas móveis para as populações disseminadas e por forma a fazer a verificação de carências médico-sanitárias (Diário de Lisboa, 1967e).

A 9 de dezembro, o Ministério de Interior elaborou uma nota oficiosa, a propósito da situação sanitária das zonas atingidas, elencando as medidas de auxílio tomadas: “fornecimento de água potável e controle dessa mesma potabilidade, vigilância médico-sanitária da população atingida, instalação de postos médico-sanitários, constituição de brigadas móveis de inspeção, vacinação e enfermagem, distribuição de medicamentos, material hospitalar, de primeiros socorros e de colheita, enfim a instrução das populações acerca de medidas profiláticas a adotar” (Diário de Lisboa, 1967g). Nesta sequência, a DGS informou não haver suspeitas de iminência de epidemias (Diário de Lisboa, 1967h). A DGS continuou a exercer nos dias seguintes uma forte vigilância, fomentando uma campanha de alerta com vista à deteção de casos de doenças infecciosas e infetocontagiosas. A propósito dos cuidados a ter para evitar a contaminação pelas doenças infetocontagiosas transmitidas pela ingestão de alimentos ou água contaminada, a população foi informada oficialmente da necessidade de ingerir água previamente fervida.

Entre os dias 13 e 15 de dezembro, a DGS apelou a nova campanha de vacinação e lançou apelos à tomada da segunda dose das vacinas contra o tifo (O Século, 1967; Torres, 2018). Toda esta operação de grande envergadura só foi possível com a solidariedade de várias instituições nacionais e internacionais, bem como laboratórios farmacêuticos (Catholic Herald, 1967; UK Parliament, 1967; USAID, 1967). Perante a necessidade de vacinação maciça, a DGS de Espanha enviou por avião 100 mil vacinas contra o tifo (Diário de Lisboa, 1967d). A assistência medicamentosa também foi um facto. Denúncias da falta de medicamentos, em especial de antibióticos e soro, foram relatadas (Diário de Lisboa, 1967c). Vários aviões foram chegando ao aeroporto de Lisboa, com toneladas de medicamentos e assistência sanitária (Diário da Manhã, 1967; Diário de Lisboa, 1967c, 1967d). A partir da cidade de Lisboa, os medicamentos foram distribuídos pelos municípios mais necessitados (Diário da Manhã, 1967), essencialmente através dos Bombeiros Voluntários (Raposo *et al.*, 2017) e da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família (Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, 1967) para fazer chegar os carregamentos.

2. A intervenção socio-sanitária dos estudantes no apoio às populações afetadas pelas inundações

A catástrofe de 1967 tem de ser entendida no quadro do Portugal de então, um país profundamente desigual, com significativas bolsas de pobreza e com um regime político de natureza ditatorial, o que condicionaria a informação disponível e o debate público sobre o evento e sobre os seus impactos.

A significativa ação dos estudantes no auxílio às inundações foi também alvo de tentativas de silenciamento por parte do regime. A juventude universitária, e também a liceal, encontrava-se numa crescente rota de politização e de crítica ao regime do Estado Novo. Um conjunto de aspetos vai explicando e pontuando a desafetação estudantil destes anos relativamente ao regime: os ataques continuados por parte do poder à intervenção e à autonomia estudantil; o fantasma presente de uma guerra colonial que, desde 1961, absorvia continuados contingentes de jovens; a diversificação das oposições à ditadura; o embate da juventude com o caráter conservador e autoritário de um regime – e de uma sociedade – que surgia a contraciclo daquelas que eram as mudanças que a mobilização estudantil ia produzindo nesses “longos anos 60”; e, por fim, o próprio aumento paulatino da frequência escolar por esses anos, gerando uma maior socialização política desta juventude (Accornero, 2009; Bebiano, 2003; Cardina, 2008a, 2008b; Oliveira, 2004, 2019). Diante deste quadro, é com profunda desconfiança, e até com algum temor, que o regime observa a mobilização que os estudantes procuram fazer, desde cedo, para auxiliar as vítimas das inundações.

O movimento estudantil encontrou rapidamente formas de organização, sobretudo nas três cidades então com ensino universitário. Em Coimbra e no Porto, grupos organizam uma recolha de donativos a favor dos atingidos e são mobilizados grupos de voluntários para acorrer aos sinistrados. As ações estudantis encontram o seu espaço de coordenação na Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, onde se montou todo o sistema organizativo que esteve operacional durante duas semanas. Foi organizado um posto de comando e sua logística, definindo-se igualmente um plano de Socorro que, rapidamente, foi colocado no terreno (Oliveira, 2013, 2019). A mobilização estudantil contou também com a participação de vários estudantes liceais, organizados em brigadas de jovens para prestar auxílio às populações. Setores do catolicismo estudantil, desafetos do regime, e então num processo que António Araújo chama de “transição do social para o político”, tiveram igualmente um papel destacado no desencadear das ações de auxílio (Araújo, 2017).

Os estudantes são então confrontados com populações que vivem em “barracas, casebres, bairros da lata”, em locais onde não existem “sistemas de segurança e socorros, prevenção de epidemias, redes de escoamentos das águas”. São denunciadas as condições de subdesenvolvimento em que viviam as populações atingidas, sem os mais elementares requisitos de sanidade e segurança (Costa *et al.*, 2014; Solidariedade Estudantil, 1967). Para muitos dos estudantes, era a primeira vez que tinham contacto direto com as condições de vida das populações pobres do país, mas também com uma certa indiferença das forças de segurança e a passividade das autoridades perante a tragédia.

A organização estudantil criou então três tipos de serviços que permitiram dar maior eficácia e rapidez à ajuda às populações: o Serviço de Planificação, que recebia os relatórios das várias Brigadas de Campo e, com base nos seus dados, preparava as tarefas para o dia seguinte; o Serviço de Transporte, que contactava com empresas de transporte e com os municípios para que pudessem levar os estudantes aos bairros; o Serviço de Expedição, que organizava o envio do material pedido pelas Brigadas. Também foi montado um Banco de Medicamentos que contou sobretudo com o apoio dos estudantes de Medicina e de Veterinária. Nos primeiros dias, os estudantes estiveram principalmente envolvidos na desobstrução de caminhos e na remoção das lamas e destroços que se depositaram nas casas e barracas atingidas, para a passagem das brigadas de salvamento. Estes trabalhos facilitaram na localização dos sobreviventes e dos cadáveres enterrados e posterior elaboração de listas de desaparecidos (Comércio do Funchal, 1967; Diário de Lisboa, 1967d).

Muitos estudantes acompanharam as famílias desamparadas naquelas circunstâncias, distribuindo géneros alimentares, roupas e agasalhos, ajudando nos funerais e prestando assistência a crianças e idosos durante a noite. Durante esse período, realizaram-se também vários trabalhos de proximidade, procurando promover mais higiene e imunização às populações e cobertura sanitária (Oliveira, 2013, 2019; Torres, 2018). O enterro dos cadáveres de animais e o pedido de exames bacteriológicos à água das nascentes são alguns exemplos de tarefas mais específicas também desenvolvidas (Solidariedade Estudantil, 1967). Os estudantes atuaram igualmente no campo da sensibilização junto das populações locais mais isoladas, com a divulgação de informações acerca do que havia sucedido e dos cuidados a tomar com a água e os vegetais, face a possíveis focos de epidemia (Barata, 2019).

Dadas as suas competências específicas, os estudantes de medicina foram envolvidos nas campanhas de vacinação e monitorização sanitária de urgência da população atingida. Montaram postos de vacinação e formaram brigadas para realizar o rastreio do tifo. Prestaram um importante apoio médico, especialmente na vacinação em massa, na instalação de postos clínicos para consultas e tratamentos de urgência, e no inquérito profilático às populações, sempre com o apoio técnico e logístico da DGS (Comércio do Funchal, 1967; Raposo *et al.*, 2017; Solidariedade Estudantil, 1967).

Vários estudantes procederam à recolha, tratamento e publicação de informação, por forma a dar a conhecer a dimensão e as razões da catástrofe. O movimento estudantil criou uma imprensa própria que permitiu a difusão rápida da informação, acompanhada de análises interpretativas que levariam à censura por parte do regime. O caso mais evidente está associado ao boletim “Solidariedade Estudantil” que teve dois números publicados, atingindo uma tiragem de 10 mil exemplares (Oliveira, 2013, 2019).

As autoridades procuraram, sistematicamente, censurar as notícias relativas à campanha de solidariedade. No dia 27 de novembro um telegrama da Direcção da Censura enviou a seguinte informação às delegações locais: “Gravuras da tragédia: é conveniente ir atenuando a história. Urnas e coisas semelhantes não adianta nada e é chocante. É altura de acabar com isso. É altura de pôr os títulos mais pequenos”. Dois dias depois, a

29 de novembro, determinava-se: “Inundações: os títulos não podem exceder a largura de 1/2 página e vão à censura. Não falar no mau cheiro dos cadáveres. Atividades beneméritas de estudantes – Cortar” (Príncipe, 1979). A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) também interveio quando interrogou o correspondente da *United Press International*, Edouard Khavessian, acerca de uma informação dada por essa agência, sobre protestos estudantis contra a atuação do governo português em relação aos socorros prestados à população (Madeira *et al.*, 2007).

A ação de voluntariado estudantil neste episódio assume características relevantes. Ela tem um papel significativo na mitigação dos dramáticos efeitos sociais que as inundações tinham provocado, envolvendo milhares de estudantes em diferentes tarefas de auxílio, das quais se poderia destacar, para o que aqui nos interessa, sobretudo o papel dos estudantes de medicina na contenção dos impactos das inundações na saúde pública das populações. Por outro lado, estas ações de emergência social auto-organizada são desencadeadas à margem, e até em confronto, com a própria narrativa do regime, ao procurarem salientar as condições sociais – de habitação, de salubridade, de saúde, etc. – que potenciaram a catástrofe e que, de algum modo, estiveram até na sua origem. O jornal *Comércio do Funchal*, particularmente lido pela juventude politizada da época, afinava pelo mesmo diapasão, chamando abertamente a atenção para as causas sociais que haviam estado na base da catástrofe:

nós não diríamos: foram as inundações, foi a chuva. Talvez seja mais justo afirmar: foi a miséria, miséria que a nossa sociedade não neutralizou, quem provocou a maioria das mortes. Até na morte é triste ser-se miserável. Sobretudo quando se morre por o ser. (*Comércio do Funchal*, 1967, p. 8)

IV. CONCLUSÕES

As inundações de 1967 foram um marco na história política do movimento estudantil português. Para muitos estudantes, foi a tomada de consciência das desigualdades e da injustiça social com a denúncia das iniquidades do regime.

O balanço face à inexistência de um sistema de proteção civil de apoio aos sobreviventes e as condições de pobreza em que viviam as populações da periferia de Lisboa levam o governo a tentar impedir que a opinião pública se apercebesse da dimensão real da tragédia. O trabalho dos estudantes no campo proporcionou o conhecimento dos problemas ambientais de saúde pública e deficiências da assistência sanitária de grande parte da população portuguesa. A campanha de vacinação é disso exemplo máximo.

Num tempo em que Portugal vivia sob uma ditadura, as inundações inscreveram-se ainda assim no debate político, motivando posicionamentos distintos. O regime e órgãos em sintonia procuraram enquadrar o ocorrido na categoria de desastre natural, vincando a inevitabilidade e a cadeia de solidariedade estabelecida; estruturas oposicionistas colocaram a tónica nas condições sociais que fizeram com que as fortes chuvadas se transfor-

massem num desastre humano. É nesta segunda via que os estudantes se manifestaram, numa atitude de responsabilidade social e política (Cardina, 2008b; Costa *et al.*, 2014; Oliveira, 2013, 2019).


Embora a participação de estudantes nas situações de catástrofes aconteça de maneira organizada, como verificamos nas inundações de 1967, o assunto da atuação e da preparação ainda não estão presentes nos currículos de formação académica da área da saúde (Wunderlich *et al.*, 2017). Acreditamos que a formação na área da saúde em contexto de catástrofe deva fazer parte do currículo académico, por forma aos estudantes estarem mais preparados para colaborar em situações extremas como aquela que ocorreu em novembro de 1967 na Grande Lisboa.

ORCID ID

Francisco da Silva Costa  <https://orcid.org/0000-0001-7041-7811>

Miguel Cardina  <https://orcid.org/0000-0001-5428-457X>

António Vieira  <https://orcid.org/0000-0001-6807-1153>

Gisele Cristina Manfrini  <https://orcid.org/0000-0003-0445-1610>

CONTRIBUTOS DOS/AS AUTORES/AS

Francisco da Silva Costa: Conceptualização; Metodologia; Validação; Análise formal; Investigação; Recursos; Curadoria dos dados; Escrita – preparação do esboço original; Redação – revisão e edição; Visualização; Supervisão. **Miguel Cardina:** Conceptualização; Metodologia; Validação; Análise formal; Investigação; Recursos; Curadoria dos dados; Escrita – preparação do esboço original; Redação – revisão e edição; Visualização. **António Vieira:** Metodologia; Validação; Investigação; Recursos; Curadoria dos dados; Visualização. **Gisele Cristina Manfrini:** Validação; Investigação; Visualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Accornero, G. (2009). *Efervescência Estudantil. Estudantes, ação contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)* [Student Effervescence. Students, litigation, and political process at the end of the Estado Novo (1956-1974)]. [Dissertação de Doutoramento, Instituto de Ciências Sociais]. Repositório ULisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/321>
- Ahern, M., Kovats, R. S., Wilkinson, P., Few, R., & Matthies, F. (2005). Global Health Impacts of Floods: Epidemiologic Evidence. *Epidemiologic Reviews*, 27(1), 36-46. <https://doi.org/10.1093/epirev/mxi004>
- Amaral, I. (1968). As inundações de 25/26 de novembro de 1967 na região de Lisboa [The floods of 25/26 November 1967 in the Lisbon region]. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, III(5), 79-84. <https://doi.org/10.18055/Finis2513>
- Araújo, A. (2017). *Cheia de 1967: 50 anos* [1967 flood: 50 years]. *Blog Malomil*. <http://malomil.blogspot.com/2017/07/cheias-de-1967-50-anos.html>
- Baranton, G., & Postic, D. (2006). Trends in leptospirosis epidemiology in France. Sixty-six years of passive serological surveillance from 1920 to 2003. *International Journal of Infectious Diseases*, 10(2), 162-170. <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2005.02.010>

- Barata, L. (2019, outubro). A intervenção dos estudantes da FMUL nas cheias de Lisboa em 1967 [The intervention of FMUL students in the 1967 Lisbon floods]. *News*, nº 94. <https://www.medicina.ulisboa.pt/newsfmul-artigo/94/intervencao-dos-estudantes-da-fmul-nas-cheias-de-lisboa-em-1967>
- Bebiano, R. (2003). *O Poder da Imaginação. Juventude, Rebelião e Resistência nos anos 60* [The Power of Imagination. Youth, Rebellion and Resistance in the 60s]. Angelus Novus.
- Beinin, L. (1985). *Medical Consequences of Natural Disasters*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-642-70532-8_4
- Bharti, A. R., Nally, J. E., Ricaldi, J. N., Matthias, M. A., Diaz, M. M., Lovett, M. A., ... Peru-United States Leptospirosis Consortium (2003). Leptospirosis: a zoonotic disease of global importance. *The Lancet Infectious Diseases*, 3(12), 757-71. [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(03\)00830-2](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(03)00830-2)
- Cardina, M. A. (2008a). Memórias incômodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe acadêmica no declínio do Estado Novo [Uncomfortable memories and erasure of time: Student movements and academic practice in the decline of the Estado Novo]. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (81), 111-131. <https://doi.org/10.4000/rccs.654>
- Cardina M. A. (2008b). *Tradição da Contestação. Resistência Estudantil em Coimbra no Marcelismo* [Tradition of Contestation. Student Resistance in Coimbra under Marcelism]. Angelus Novus.
- Catholic Herald. (1967, december). *Aid for disaster victims pours in*. Catholic Herald. <http://archive-uaat.catholicherald.co.uk/article/8th-december-1967/2/aid-for-disaster-victims-pours-in>
- Comércio do Funchal. (1967, dezembro). *Comércio do Funchal*, nº. 1964, 17 de dezembro. Hemeroteca Digital de Lisboa.
- Costa, F. C., Cardina, M., & Vieira, A. (2014). Inundação na região de Lisboa (1967). Um olhar sobre o impacto político e social [Flood in the Lisbon region (1967). A look at the political and social impact]. *Riegos, Vulnerabilidades y resiliencia socioambiental para enfrentar los cambios globales* [Risks, Vulnerabilities and socio-environmental resilience to face global changes] (pp. 1267-1271). Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile.
- Costa, F. C., Cardina, M., & Vieira, A. (2016). As inundações de 1967 na região de Lisboa. Uma catástrofe com diferentes leituras [The 1967 floods in the Lisbon region. A catastrophe with different readings]. *Investigaciones Geográficas*, (51), 103-114. <http://doi.org/10.5354/0719-5370.2016.41749>
- de Ville de Goyet, C. (1979). *Maladies transmissibles et surveillance épidémiologique lors de désastres naturels* [Communicable diseases and epidemiological surveillance during natural disasters]. *Bulletin of the World Health Organization*, 57(2), 153-165.
- Diário da Manhã (1967, novembro). *Diário da Manhã*, nº 13060, 29 de novembro. Hemeroteca Digital de Lisboa.
- Diário de Lisboa. (1967a, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16143, Ano 47, Domingo, 26 de novembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967b, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16144, Ano 47, 27 de novembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967c, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16145, Ano 47, 28 de novembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967d, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16146, Ano 47, 29 de novembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967e, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16148, Ano 47, 2 de dezembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967f, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16149, Ano 47, 3 de dezembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967g, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16155, Ano 47, 9 de dezembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1967h, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16156, Ano 47, 10 de dezembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Diário de Lisboa. (1968, novembro). *Diário de Lisboa*, nº 16501, Ano 48, 25 de novembro. Fundação Mário Soares / Documentos Ruella Ramos.
- Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família. (1967). *Ofício de 29 de novembro de 1967*, doc. Nº 1, caixa 2 [Official letter of November 29th 1967, doc nº1, box 2]. FCPAF.
- Few, R., Ahern, M., Matthies, F., & Kovats, S. (2004). *Floods, health and climate change: A strategic review*. Working Paper No. 63. Tyndall Centre.

- French, J. G., & Holt, K. W. (1989). Floods. In M. B. Gregg (Ed.), *The public health consequences of disasters* (pp. 69-78). United States Department of Health and Human Services, Public Health Service, Centers for Disease Control.
- Githeko, A., & Woodward, A. (2003). International consensus on the science of climate and health: the IPCC Third Assessment Report. In A. J. McMichael, D. H. Campbell-Lendrum, C. F. Corvalan, K. L. Ebi, A. Githeko, ... A. Woodward (Eds.), *Climate Change and Human Health: Risks and Responses* (pp. 43-60). WHO.
- Goeijenbier, M., Wagenaar, J., Goris, M., Martina, B., Henttonen, H., Vaheri, A., ... Van Gorp, E. (2012). Rodent-borne hemorrhagic fevers: under-recognized, widely spread and preventable – epidemiology, diagnostics and treatment. *Critical Reviews in Microbiology*, 39(1), 1-17. <https://doi.org/10.3109/1040841X.2012.686481>
- Ingraham, J. L., & Ingraham, C. A. (1995). *Introduction to microbiology*. Wadsworth Publishing Company.
- Koutis, C. (2007). *Special Epidemiology*. Editions Technological Educational Institute of Athens.
- Kovats, S., Menne, B., McMichael, A., Bertollini, R., & Soskolne, C. (Eds.). (2000). *Climate change and stratospheric ozone depletion: early effects on our health in Europe. Working Group on the Early Human Health Effects of Climate Change and Stratospheric Ozone Depletion in Europe. European Environment and Health Committee. European series, No. 88*. WHO regional publications.
- Madeira, J., Pimentel, I. F., & Farinha, L. (2007). *Vítimas de Salazar (Estado Novo e Violência Política)* [Victims of Salazar (Estado Novo and Political Violence)]. A Esfera dos Livros.
- Manning, D. H. (1976). *Disaster Technology: An Annotated Bibliography*. Pergamon Press.
- O Século (1967, dezembro). *O Século, 11 de dezembro*. Hemeroteca Digital de Lisboa.
- Oliveira, L. T. (2004). *Estudantes e Povo na Revolução. O Serviço Cívico Estudantil (1974-1977)* [Students and People in the Revolution. The Student Civic Service (1974-1977)]. Celta Editora.
- Oliveira, L. T. (2013). O ativismo estudantil no IST (1945-80) [Student activism at IST (1945-80)]. In J. F. Branco (Ed.), *Visões do Técnico, no Centenário 1911-2011* [Visions of the Technician, in the Centenary 1911-2011] (pp. 307-370). ISCTE-IUL.
- Oliveira, L. T. (Ed.). (2019). *O Activismo Estudantil no IST (1945-1980)* [Student Activism at IST (1945-1980)]. Fénix.
- Oliveira, P. E., & Ramos, C. (2002). Inundações na cidade de Lisboa durante o século XX e seus fatores agravantes [Flooding in the city of Lisbon during the 20th century and its aggravating factors]. *Finisterra – Revista de Geografia Portuguesa*, XXXVII(74), 33-54. <https://doi.org/10.18055/Finis1589>
- Príncipe, C. (1979). *Os Segredos da Censura* [The Secrets of Censorship]. Caminho.
- Ramos C., & Reis, E., (2001). As cheias no sul de Portugal em diferentes tipos de bacias hidrográficas [The floods in the south of Portugal in different kinds of drainage basins]. *Finisterra – Revista de Geografia Portuguesa*, XXXVI(71), 61-82. <https://doi.org/10.18055/Finis1648>
- Raposo, R. C., Lourenço, J. H. L., & Santos, A. (2017). *A Noite mais Longa – história e memória da cheia de 25-26 de novembro de 1967* [The Longest Night – history and memory of the November 25-26 1967 flood]. Alenculta editorial.
- Rebelo, F. (2008). Um novo olhar sobre os riscos? O exemplo das cheias rápidas (flash floods) em domínio mediterrâneo [A new look at the risks? The example of flash floods in the Mediterranean domain]. *Territorium*, (15), 7-14. https://doi.org/10.14195/1647-7723_15_1
- Rebelo, F. (2010). *Geografia Física e Riscos Naturais* [Physical Geography and Natural Risks]. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Seaman, J., Leivesley, S., & Hogg, C. (1989). *Epidemiologia de desastres naturais* [Epidemiology of natural disasters]. Harla.
- Simões, J., Azevedo, J. F., & Palmeiro, J. M. (1969). Some aspects of the Weil's disease epidemiology based on a recent epidemic after a flood in Lisbon (1967). *Anais da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina tropical*, (1-4), 19-32.
- Solidariedade Estudantil. (1967, dezembro). *Solidariedade Estudantil, nº1*. Fundo Isabel do Carmo/ Carlos Antunes, Fundação Mário Soares.
- Torres, A. P. (2018). *As «gotas de ar frio» que inundaram a Grande Lisboa: memórias das cheias de novembro de 1967, o Concelho de Oeiras* [The «drops of cold air» that flooded Greater Lisbon: memories of the floods of November 1967, the Municipality of Oeiras]. Europress.

- UK Parliament. (1967, december). *Flood victims (Portugal)*. UK Parliament. <https://api.parliament.uk/historic-hansard/written-answers/1967/dec/01/flood-victims-portugal>
- USAID. (1967). *Disaster. Foreign emergency relief. Seventh report, July - December*. United States Agency for International Development.
- Wunderlich, R., Ragazzoni, L., Ingrassia, P. L., Della Corte, F., Grundgeiger, J., Bickelmayer, J. W., & Domres, B. (2017). Self-Perception of Medical Students' Knowledge and Interest in Disaster Medicine: Nine Years After the Approval of the Curriculum in German Universities. *Prehospital Disaster Medicine*, 32(4), 374-381. <https://doi.org/10.1017/s1049023x17000280>
- Zavitsanou, A., & Babatsikou, B. (2008). Leptospirosis: Epidemiology and Preventive Measures. *Health Science Journal*, 2(2), 75-82.